

**REFLEXÕES ACERCA DA FINITUDE: UMA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA**Aline Teixeira Polita Costa<sup>1</sup>Eduarda Sena da Silva<sup>2</sup>Mariana de Oliveira Del'Massa<sup>3</sup>Profa. Me. Bárbara Cristina Rodrigues Fonseca<sup>4</sup>Profa. Dra. Thais Caroline Attaide Lacerda<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente artigo aborda a questão da finitude humana a partir de uma perspectiva filosófica, com ênfase no Existencialismo. O texto explora como a morte tem sido interpretada ao longo da história, desde a Antiguidade até os dias atuais, ressaltando a transformação de uma visão pública e comunitária para um tabu na sociedade contemporânea. Destaca a complexidade da morte, que vai além de um simples fenômeno biológico, envolvendo dimensões religiosas, sociais, filosóficas e antropológicas. O Existencialismo é proposto como uma abordagem relevante para compreender a finitude, uma vez que essa corrente filosófica enfatiza a responsabilidade individual na criação de significado para a vida, reconhecendo a angústia existencial como parte inerente da condição humana e, como a modernidade afastou o ser humano de uma relação mais próxima com a morte, substituindo-a por um desejo de controle e previsibilidade, que culminou em uma negação ou distanciamento do tema. Além disso, autores como Heidegger e Silveira são citados para refletir sobre a relação entre vida e morte e a importância de educar para a morte, como um meio de valorizar o presente. A morte, embora inevitável, não deve ser temida ou ignorada, mas sim acolhida como uma parte essencial da experiência humana. A reflexão sobre a finitude permite uma maior compreensão da própria existência, promovendo uma vida mais consciente e significativa. A pesquisa é classificada como qualitativa, fazendo-se uso do método hipotético-dedutivo, e pode ser classificada como bibliográfica e documental. O material foi obtido por meio de artigos publicados em revistas especializadas, livros e textos disponíveis em plataformas de pesquisa como SciELO, PubMed e Google Acadêmico.

**Palavras-chave:** angústia Existencial; consciência da Morte; existencialismo; finitude; morte.

## 1 INTRODUÇÃO

Vida e Morte são os constituintes extremos da existência humana, assunto cotidianamente comum, causando espantos ou “dar-se conta”, quando de rupturas. Por isso, frente a temática proposta a respeito da finitude, importa salientar e introduzir a respeito da morte, pois, como coloca Santos (2009), a morte não se trata de apenas um evento de ordem biológica, possui outras dimensões, quais sejam religiosa, social, filosófica, antropológica, espiritual e pedagógica. As questões sobre o significado da morte e o que acontece quando morremos são preocupações centrais para as pessoas em todas as culturas e têm sido desde tempos imemoriais, de tal modo que a preocupação humana com relação à morte antecede ao período da história escrita.

Silva (2019), apresenta que desde a Antiguidade à Idade Média havia familiaridade entre vivos e mortos pois, no período medieval, o lugar dos mortos era também o dos vivos, vez que o cemitério era o centro da vida social e, em conjunto com a igreja, constituía praças públicas ou sítios que abarcavam o comércio,

1 Autora: Graduada em Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (UCA).

2 Autora: Graduada do curso de Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (UCA).

3 Autora: Graduada do curso de Psicologia pela Faculdade Católica Paulista (UCA).

4 Orientadora: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. *E-mail:* [barbara.fonseca@uca.edu.br](mailto:barbara.fonseca@uca.edu.br).

5 Coorientadora: Docente da Faculdade Católica Paulista (UCA). Doutora em Ciências pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. *E-mail:* [thais.lacerda@uca.edu.br](mailto:thais.lacerda@uca.edu.br).

as proclamações e todos os modos de informação coletiva, tornando-se espaço de passeios, brincadeiras e diversões, fazendo da morte algo público e comunitário.

Nos tempos atuais, Segundo Caputo (2008), a sociedade muitas vezes nega ou evita a discussão sobre a morte. A morte é um tabu, e há uma tendência a afastar-se do tema, o que pode resultar em falta de preparação emocional e espiritual. Sendo frequentemente vista como um assunto desconfortável, as discussões sobre a morte costumam ser evitadas, o que pode levar a um enfrentamento despreparado e ansioso quando a morte se aproxima.

Por isso, a despeito do despreparo e da angústia causados pelo tema, é importante salientar a respeito das contribuições que o Existencialismo pode fornecer, vez que este último nos ensina que a existência precede a essência. Ou seja, as pessoas “existem” antes de terem um propósito ou uma natureza definida. Isso pode ser compreendido como cada indivíduo não possuindo uma natureza predefinida ou um propósito intrínseco, e sendo responsável por criar seu próprio significado e valores na vida (Silveira, 2024).

A existência é vista como um problema fundamental da filosofia existencialista, em que a mudança, a saída de um estado para outro, e a reflexão sobre a própria existência humana são aspectos essenciais a serem considerados (Ewald, 2008).

Dessa forma, abordando o Existencialismo, Feijoo *et al.* (2015) ao discutir a angústia, a coloca como parte fundamental da existência humana. Pois, também compreendem a finitude como uma condição concreta da existência humana e, a angústia nos confronta com nossas limitações e condições finitas, mas também nos leva a buscar a infinitude, a transcendência das nossas limitações.

O período moderno é caracterizado pela necessidade humana de prever e controlar tudo, incluindo a vida e a morte, utilizando técnicas cientificamente experimentadas. Nesse contexto, o mundo é visto como uma “cova de pedra”, em que o sujeito habitado e livre cria o próprio mundo baseado em contribuições mecânico-causais. Essa época marcou um afastamento da concepção cristã mística e a construção de novos altares e deuses idolatrados. A modernidade tornou a finitude uma experiência particular, marcada por contenção ou omissão, ignorando a morte e fingindo que ela não existe, vivendo-a em uma experiência distante e impessoal, diferentemente de épocas passadas, quando as celebrações fúnebres e ritualísticas duravam dias (Heidegger, 2008; Dantas *et al.*, 2017).

Nesse sentido, no texto “Educar para a morte: cuidar da vida”, Nely Aparecida Guernelli (2018) discute a relação entre a vida e a morte, iniciando com a ideia de que a certeza da morte deve nos motivar a cuidar do presente. A autora, influenciada pelo pensamento de Heidegger, vê a morte como parte intrínseca da existência humana. Ela reflete sobre quatro verbos essenciais: educar, cuidar, viver e morrer, e como esses conceitos interagem na vida cotidiana e na prática profissional, especialmente na educação e na psicologia.

De acordo com Dantas *et al.* (2017), na contemporaneidade existem muitas indagações sobre a morte e pouca familiaridade ou compreensão clara sobre ela. Apesar dos avanços tecnológicos, vivemos uma sensação extrema de vulnerabilidade, marcada por insegurança e incerteza, que também influencia nossa relação com a morte. Mesmo sabendo que a morte faz parte da vida, tendemos a nos afastar dela.

Assim, contrariando a discursividade imediatista e consumista, é importante tematizar a temporalidade em relação à nossa finitude. A reflexão sobre a morte pode proporcionar um contato súbito com nossa sociedade de seres livres e mortais. A morte é uma realidade inescapável que tende a ser ignorada em nossa cultura ocidental.

Dantas *et al.* (2017) argumenta que aceitar a morte não significa abandonar a esperança de viver, mas sim reconhecer a importância de discutir e estudar as perdas. Compreender a morte é tão vital quanto entender

a vida, pois ambas fazem parte do desenvolvimento humano, já que a morte não deve ser vista como uma inimiga a ser vencida, mas como um mistério a ser compreendido e acolhido.

Com essa pesquisa, pretende-se estudar a finitude da vida sob a perspectiva filosófica do existencialismo, explorando as dificuldades enfrentadas diante desse tema, que frequentemente suscita angústias, ansiedades e incertezas. Os objetivos específicos abrangem a análise da temática da finitude da vida a partir do referencial teórico existencialista e a oferta de possibilidades de análise e reflexão, contribuindo para a naturalização dessa temática.

A importância central desses estudos reside na dificuldade da sociedade em abordar a finitude da vida, um tema que envolve o sentido da existência e, sobretudo, seu término, considerado um tabu e raramente discutido. Além disso, a relevância da morte como parte intrínseca da vida destaca a necessidade de integrar esse aspecto para ampliar as perspectivas sobre a existência e a aceitação de seu desfecho.

Quanto à metodologia, a pesquisa é qualitativa e emprega o método hipotético-dedutivo, com procedimentos técnicos classificados como bibliográficos e documentais. Os resultados deste projeto visam esclarecer a sociedade, sob uma abordagem existencialista, refletindo sobre a finitude da vida para sugerir que o assunto seja tratado com naturalidade, mesmo diante das angústias e incertezas que possa evocar. O desenvolvimento do estudo segue um plano de trabalho que guiará a identificação e seleção criteriosa de fontes bibliográficas e documentais, obtidas por meio de artigos de revistas especializadas, livros e textos em plataformas de pesquisa como SciELO, PubMed e Google Acadêmico.

## **2 A MORTE E O MORRER EM DIFERENTES ÉPOCAS E CULTURAS**

A morte faz parte do processo de vida do ser humano, considerada um processo extremamente natural do ponto de vista biológico. Contudo, Combinato e Queiroz (2006) apresentam que, o ser humano caracteriza-se também pelos aspectos simbólicos, ou seja, pelo significado ou pelos valores que ele imprime às coisas e, por isso, o significado da morte varia no decorrer da história e entre as diferentes culturas humanas.

Em consonância com estudos realizados por Santos (2009), sabe-se que arqueólogos encontraram evidências de tributo aos mortos, vez que flores foram encontradas em locais de enterro datados da Idade do Bronze. E, em outros locais de enterro, ainda mais antigos, como da época dos Neandertais, que começaram a habitar a Europa há aproximadamente 150.000 anos, aparecem ornamentos de concha, implementos de pedra e comida, enterrados junto com o morto. Santos (2009) acrescenta ainda a existência de uma crença, que tais itens seriam úteis na passagem da terra dos vivos para a terra dos mortos, além de sugerir a ideia de revitalização do corpo e renascimento, em razão da posição e cores que eram encontrados os corpos.

Já os Egípcios da Antiguidade desenvolveram um sistema bastante explícito e detalhado, pois havia Pirâmides, tumbas, múmias, objetos mortuários, escritos funerários e o Livro dos Mortos e, todos apresentavam um otimismo fundamental perante a morte, que era uma questão central na cultura egípcia, causando reflexos na arte, religião e até em suas ciências. Além disso, o referido sistema era destinado a ensinar uma abordagem relativamente integrada que permitiria aos membros individuais pensar, sentir e agir em relação à morte de maneira considerada apropriada e eficiente, pois pensavam que deveriam preservar o corpo para que os espíritos dos mortos pudessem habitá-los novamente no futuro (Santos, 2009).

Dentro da contribuição da cultura Grega, Santos (2009) apresenta elucidações a respeito dos estudos de Sócrates, que ensinou que o propósito da Filosofia era descobrir o significado da vida em relação à morte e entender a natureza da alma e, que o filósofo verdadeiro era o que praticava a arte do morrer o tempo inteiro.

Esta arte de morrer, de acordo com as argumentações de Sócrates, nada mais era que aceitar a morte como a separação da alma, que continua a existir, do corpo, que tem seu existir interrompido. Assim, para Sócrates, o medo da morte se dava perante o fato de que ninguém saberia exatamente o que aconteceria no momento desta. Entretanto, desde que a pessoa não tivesse mais dúvida do que realmente acontece no momento da morte, esse medo ficaria sem fundamento ou razão de ser.

Prosseguindo, Diniz (2001 *apud* Silva, 2019), traz um breve histórico da relação do morrer e os mortos na sociedade ocidental, apresentando que até o século XVIII não havia separação radical entre a vida e a morte, pois a morte era tratada como assunto doméstico e, uma “boa morte” significava estar cercado de entes queridos, com uma cerimônia aberta à comunidade e sepultamentos realizados em Igrejas ou cemitérios, cuja localização costumava ser contígua às residências.

No mesmo sentido, Martins (2024) introduz a respeito do budismo, que traz uma visão sobre a morte como uma oportunidade de iluminação e transformação espiritual, promovendo uma vida mais consciente e reflexiva, transformando as relações das pessoas consigo mesmas e com os outros, já que a morte é vista como uma parte natural e inevitável do ciclo da vida. Sendo assim, a morte não seria o fim, mas uma transição para um novo renascimento, sendo a vida um ciclo contínuo de nascimento, morte e renascimento. Estas práticas, como as meditativas e de estudos, servem como ajuda para estabilizar a mente e preparar o praticante para a transição da morte, visando alcançar a iluminação ou um renascimento favorável.

Enquanto isso, nas tradições judaico-cristãs, a morte é frequentemente vista como um evento final que marca o fim da vida terrena, sendo percebida como o fim definitivo da existência individual, podendo gerar medo e ansiedade sobre o desconhecido. Nessa perspectiva, a vida após a morte é concebida em termos de céu, inferno ou purgatório, dependendo das ações e crenças da pessoa (Caputo, 2008).

Já Silva (2019), utilizando-se de estudos de Michel Foucault (2012) apresenta que, no final do século XVIII, os túmulos foram individualizados por questões político-sanitárias, e não por razões teológico-religiosas em respeito aos mortos, pois a urbanização provocou angústia diante das cidades, oficinas, fábricas e população crescentes, além das epidemias e, portanto, dos cemitérios cada vez mais numerosos. E, para a manutenção e organização sanitária das cidades, desenvolveu-se uma medicina urbana de análise, controle e organização do espaço.

Assim, não somente o cemitério migrou para a periferia das cidades, como também os caixões se tornaram individuais, porque era preciso reduzir o perigo nefasto que representavam, além de permitir esquadrihar e classificar os mortos, higienizar o meio e, conseqüentemente, proteger os vivos.

Esse temor da morte manifestou-se a partir dos séculos XII e XIII, momento em que a morte assumia não mais uma imagem serena, mas uma concepção judiciária, estritamente associada a um entendimento da vida como biografia particular, viver passava a ser uma preparação para morrer, momento em que as almas seriam pesadas para salvação ou perdição eternas e, mais a frente à imagem da morte seria associada à impureza e ao perigo.

Entre o século XVIII até início do século XX, emergiu a dramática encenação fúnebre, em que o desespero em relação à morte era demonstrado através de gemidos, gritos e desmaios. Essa inquietação pela demonstração da afetividade estava associada à promoção dos mortos e da morte ao status de objeto belo, a estética fúnebre romântica que comportava tal beleza demonstrava a ambigüidade das representações fúnebres, pois era contemporânea ao pavor da morte, e por isso significava rejeição da finitude e a dissimulação do medo.

A partir do século XVI, a cor preta foi associada à morte e revelava o caráter sombrio que ela adquiriu e, para além disso, o uso de uma cor específica para distinguir os enlutados correspondia à necessidade

relativamente recente de separar o que está ligado à morte do que está ligado à vida. Desse, quando vida e morte não se opunham e a morte era vivenciada coletivamente, não havia sentido em tal discriminação (Silva, 2019).

Nos séculos XX e XXI, há o silenciamento da dor, a privatização e até mesmo a diminuição da duração do luto, o desaparecimento do cortejo fúnebre, das condolências, das visitas e das últimas homenagens, a neutralização dos ritos funerários e a economia dos sentimentos e das emoções. A morte passou a ser vivenciada dentro de hospitais, reduzida apenas a análise de números. Ao mesmo tempo que se perde a humanidade, extingue-se a preparação para morrer, tanto para quem morre quanto para aqueles que ficam.

A utilização do hospital como lugar que resguarda a morte é contemporânea ao desenvolvimento da ideologia higienista: o hospital protege as famílias da doença, o doente das pressões emocionais e a sociedade da morte. Esta última deixa de ser natural e passa a ser vista como acontecimento acidental, falha humana ou atraso da ciência, logo, enquanto a imortalidade física não é alcançada, conquista-se a imortalidade simbólica (Silva, 2019).

As consequências desse prolongamento da vida a todo custo, que despreza as dimensões da existência além da biológica, deixam de ser mensuradas. Assim, para evitar a morte, passou-se a investir em medicina, previdência social, segurança, alimentação. A supressão da morte remete, portanto, não às sensibilidades individuais, mas à coerção social que passou a tratá-la como tabu (Silva, 2019, p. 41).

Para o homem ocidental moderno, a morte passou a ser sinônimo de fracasso, impotência e vergonha. Tenta-se vencê-la a qualquer custo e, quando tal êxito não é atingido, ela é escondida e negada (Combinato; Queiroz, 2006).

De acordo com Caputo (2008), é possível constatar, em algumas culturas, que a maneira como uma sociedade se posiciona diante da morte e do morto desempenha um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva, bem como na formação de uma tradição cultural comum.

De acordo com Barbosa, Francisco e Efken (2008 *apud* Elias, 2011) ainda que observemos o aumento da expectativa de vida do homem, o progresso da medicina, e os esforços para o prolongamento da vida, a morte é um aspecto que aponta os limites do homem sobre o controle da natureza, apontando para uma grande reflexão ao relutarmos contra a nossa própria condição humana de sermos seres finitos. Os autores acrescentam que, não somente a angústia provocada pelo medo da morte é o que nos impede de viver bem, mas, sobretudo, porque a temática nos atinge em níveis muito profundos.

## **2.1 Angústia, sentido da vida e finitude a partir do referencial teórico existencialista**

O Existencialismo é uma filosofia que se concentra no estudo da existência humana, destacando a liberdade, a responsabilidade de cada pessoa, o sentimento de angústia e a busca por sentido na vida (Silveira, 2024).

Atuando como um movimento filosófico, o existencialismo explorou a existência humana em meio a questões fundamentais do ser e, contou com a contribuição de três importantes pensadores: Søren Kierkegaard, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre (Ewald, 2008; Feijoo *et al.*, 2015).

Filósofos existencialistas frequentemente exploram questões como a liberdade de escolha, a autenticidade, a relação entre indivíduo e sociedade, a angústia diante da responsabilidade e a busca por

sentido no mundo. Esse movimento, para os existencialistas, é compreendido ao considerarmos que a vida humana é marcada pela incerteza, pela finitude e pela necessidade de enfrentar as contradições e dilemas existenciais.

Dessa forma, o pensamento existencial pode ser caracterizado por questionar a maneira como os seres humanos existem e o próprio “mundo”. A análise da existência não se limita a esclarecer ou interpretar como o homem se relaciona com o mundo. Mas sim, procurar entender como o mundo se revela ao ser humano e influencia suas possibilidades. Portanto, a relação entre o ser humano e o mundo é o tema central de toda a filosofia existencialista (Ewald, 2008).

Nesse sentido, Feijoo *et al.* (2015) abordam o conceito de angústia como objeto de reflexão dentro do existencialismo. Eles mencionam que Haufniensis (pseudônimo de Kierkegaard) explora a angústia como a atmosfera da possibilidade. Kierkegaard, filósofo que viveu no século XIX, fala sobre a angústia como uma experiência universal que afeta a existência de cada pessoa de maneiras diferentes. Segundo ele, a angústia surge quando nos deparamos com a possibilidade de fazer algo proibido, confrontando-nos com a liberdade de escolha. Ela representa a tensão entre a liberdade e a culpa.

A angústia é uma tensão constante entre a possibilidade de ser culpado e a busca por redenção, fazendo parte de nossa existência. O filósofo sugere que a angústia é um pressuposto importante para a ideia de formação, pois ela impulsiona a transformação e o aprendizado. A partir da indeterminação da angústia, surge a capacidade de se formar e se tornar algo mais (Feijoo *et al.*, 2015).

Além disso, Feijoo *et al.* (2015) destacam que a angústia também surge quando nos confrontamos com a diferença e a possibilidade de sermos diferentes dos outros. Ela nos leva a julgar a nós mesmos e perceber a diferença entre o bem (liberdade) e o mal (ausência de liberdade). A angústia também traz a possibilidade de redenção, de retornar à liberdade, pois cada modo de existir é uma possibilidade e não uma necessidade.

Sartre, filósofo e escritor francês, destacou-se no movimento Existencialista com uma abordagem multifacetada. Ele defendia o Existencialismo, tratando-se da Filosofia que enfatiza a importância da ação individual e da liberdade na construção da própria vida. Contrariando a noção de que a angústia seria um obstáculo, Sartre a considerava uma condição necessária para a ação. Para ele, o ser humano está sozinho no mundo, sendo responsável por forjar seu próprio propósito e destino (Ewald, 2008).

Por outro lado, Silveira (2024) aborda a finitude da existência a partir do conceito de “ser para a morte” em “Ser e Tempo”, de Martin Heidegger. De acordo com o autor:

É possível dizer, não sem reservas, que a existência acontece em meio ao impossível, sobretudo quando se tem em vista a relação entre a existência e o fenômeno da morte. Essa afirmação busca indicar o fato de que a existência humana sempre ocorre na possibilidade da não existência. Para que o problema da morte seja adequadamente compreendido, o pressuposto conceitual de que a morte é apenas acontecimento não se mostra o suficiente. Caso a morte seja entendida como um acontecimento natural e fisiológico, bastaria frisar que ela é uma possibilidade cuja efetivação se daria em algum dado momento, na linearidade temporal. No entanto, essa perspectiva encobre justamente o caráter central da relação da existência humana com a morte, que é o caráter de possibilidade existencial (Silveira, 2024, p. 1).

Assim, compreender a morte requer ampliar essa perspectiva como uma possibilidade existencial. Isso significa que a morte não deve ser entendida apenas como o fim de um processo vital, mas como a própria possibilidade de deixar de existir. Heidegger argumenta que, aquilo que é possível compreender

existencialmente não é uma coisa em si, mas sim o ser enquanto existe. Portanto, o ser humano pode ser considerado um “ser-possível” em constante estado de possibilidades (Silveira, 2024).

A intencionalidade é um aspecto central na compreensão da existência humana. O “ser-aí”, enquanto modo de ser do ser humano, é caracterizado pela sua intencionalidade, que se manifesta através de um comportamento direcionado para os “entes” do mundo. Essa intencionalidade não se refere a uma intenção consciente ou a um ato deliberado, mas sim à estrutura fundamental da existência.

Essa intencionalidade do ser está enraizada na sua temporalidade, em que cada indivíduo está sempre projetado para possibilidades. Assim, essa é uma característica essencial da existência humana, moldada pela temporalidade e pelo modo de ser. Ela implica que o ser humano está sempre direcionado para o mundo, para os outros seres e para si mesmo. E, conseqüentemente, através dela, o ser revela a sua natureza projetiva e a sua capacidade de compreender e se relacionar (Silveira, 2024).

Seguindo Silveira (2024), ao entender a morte como uma possibilidade primordial e ao compreender o ser-aí como uma projeção para possibilidades, Heidegger interpreta o fenômeno da morte em função de um sentido existencial. Nessa perspectiva, o morrer é visto como a experiência do colapso existencial do mundo. Nesse ponto, retornamos a apontar a angústia, o nada e a falta de fundamento da existência. É importante ressaltar que a morte, aqui, não se trata apenas do fim das funções vitais do ser humano, mas sim como um fenômeno que precede esse momento.

O fenômeno do falecer, que representa a morte vital e fisiológica, já é interpretado pelo ser-aí. Isso significa que a morte existencial, que possui um sentido mais amplo, ocorre antes do fim das funções vitais. Essa morte não se refere apenas à morte física do corpo, mas sim à perda de todas as possibilidades da existência. Essa ideia de morte está relacionada à angústia, pois quando nos sentimos angustiados, abrimos espaço para uma experiência singular da nossa própria existência. Para que ocorra essa singularização, é necessário um rompimento, em que os estados emocionais, especialmente a angústia, desestabilizam completamente a sensação de segurança e estabilidade do ser. Isso acontece porque a angústia gera uma sensação de estranheza que nos faz sentir deslocados do mundo, revelando um colapso.

A angústia leva o ser a desfazer significados, enfraquecendo as conexões com as possibilidades e tornando os projetos de vida sem sentido. O mundo, que é onde buscamos compreender e transcender os diferentes aspectos do ser, é afetado pela falta de significado. No entanto, mesmo diante desse colapso, o ser ainda possui a capacidade de existir, mantendo uma relação com a sua própria essência.

Nesse sentido, o ser humano é visto como alguém que está constantemente se projetando. Portanto, como conclui o autor, a questão da morte, abordada por Heidegger através do conceito de ser-para-a-morte, revela-se como a instância capaz de singularizar o ser humano (Silveira, 2024).

### **3 PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DE REFLEXÃO PARA A NATURALIZAÇÃO DA TEMÁTICA**

Refletir sobre a morte é considerado temeroso e sombrio, sendo mais reconfortante lidar com questões que apaziguam nossas angústias e trazem respostas. A morte valoriza a vida e nos força a questionar diariamente nossas ações. Frequentemente, isolamos aquilo que não sabemos, temos ou não entendemos, em “caixas” que evitamos abrir voluntariamente. Essas caixas são abertas por perdas ou situações vividas com outras. A reflexão pessoal sobre nossa mortalidade ocorre muito rapidamente e, muitas vezes, não se coloca. A morte se torna algo higienizado e vivido sem questionamentos, sustentada pelas promessas científicas de prolongamento da

juventude. No mundo contemporâneo, a morte ou a perda não devem ser vividas intensamente; tudo precisa ser moderado, dinâmico e instantâneo, não tendo tempo para dor ou despedidas prolongadas (Dantas *et. al*, 2017).

Contrariando essa lógica, Heidegger (2008) sugere que devemos entender a existência como “para-a-morte”, pois a morte se personifica desde nosso primeiro suspiro de vida. No entanto, frequentemente perdemos os ruídos do falatório, ou seja, na fala não teorizada do senso comum, que nos faz desviar da angústia diante do nada e nos afastar do ser mais próprio que somos.

A repulsa, fuga e estranhamento em relação à morte fazem com que esse fenômeno seja visto como tabu na atualidade, semelhante ao que ocorreu com o sexo no século passado. Essa mudança marca uma ruptura paradigmática no ego social, apontando para uma nova forma de percepção. Demonstrar uma falsa felicidade pode ser visto como uma maneira de disfarçar as mazelas genéticas à miséria existencial (Dantas *et. al*, 2017).

Podemos dizer então que, conforme Dias (2023), reconhecemo-nos como seres finitos e com a capacidade de questionar e refletir sobre essa limitação é o que faz-nos destacar dos demais seres vivos, em uma perspectiva existencialista.

Nesse sentido, Heidegger (2012) concebe a existência como um modo próprio de ser do homem, diferente do ser das coisas e dos animais de modo que, só o homem existe. As pedras são, mas não existem. As árvores são, mas não existem. Os animais são, mas não existem.

O ser humano é único entre os animais por ser consciente de seu próprio fim – um fim que não chegou ontem, que talvez não chegue hoje, mas que, inevitavelmente, chegará um dia. Ao longo da jornada da vida, a morte se apresenta como parada obrigatória, e é essa consciência de nossa finitude que nos faz perceber que somos projetos em constante evolução, sabendo que somos seres destinados à morte. Diante da certeza dessa possibilidade que, por sua vez, gera a impossibilidade, resta-nos a angústia (Dias, 2023).

Pompéia e Sapienza (2013) definem a vida e a existência como uma contingência, não se configurando como um direito do homem, pois pode ser consumida quando menos se espera e, da mesma forma, também não é um dever, pois não é destinada ao homem como uma condição de necessidade. De modo que o existir é renovado a cada momento, pois ninguém tem a certeza de quanto tempo irá durar a própria existência.

De acordo com Dias (2023), quando o ser humano se reconhece como um ser destinado à morte, depara-se com uma encruzilhada crucial, ao aceitar ou rejeitar a morte enquanto ainda vivo. Se aceitamos, a consciência de nossa finitude nos impele a nos dedicarmos fervorosamente ao nosso projeto de existência e a cuidarmos dele, gerando, assim, uma relação de cuidado com os outros. Ao aceitar, abraçamos a vida como uma preciosa dádiva que merece ser vivida com paixão e responsabilidade.

Tuy (2009) explica que, segundo ideias de Sartre, essa consciência da morte faz com que o indivíduo busque suas vivências intensamente, de acordo com o que almeja, pois, o reconhecimento de sua finitude faz com que crie propósitos para o seu existir, vez que a morte é uma experiência sobre a qual os vivos não têm informações concretas e ninguém pode passar pelo processo de morrer no lugar de um outro alguém.

O pensamento existencialista, de acordo Siman e Rauch (2017), apresenta elementos particulares, que consideram a morte como uma problemática subjetiva, inerente à condição humana e finita do homem, e diferente das tentativas de negação que falsificam a realidade da finitude, adulterando, desta forma, a realidade da existência humana. Souza (2010) corrobora com essa afirmativa, preceituando que:

Qualquer intento de interpretar o enigma da existência humana é realizado considerando a morte como um dado essencial; a morte pertence de algum modo à vida, não é um simples acidente fortuito que interrompe seu curso a partir de fora. Por isso, cada morte é sempre pessoal e intransferível, e vivida unicamente por cada pessoa (Souza, 2010, p. 21).

Por conseguinte, Siman e Rauch (2017), citando Boss (1981), trazem que a vida e a morte estão unidas de maneira indissolúvel e pertencem uma à outra e, apenas conscientes da mortalidade do ser é que poderemos ser capazes de aproveitar a vida efetivamente, sabendo que o tempo é irrecuperável e, somente pela finitude é que cada momento se torna especial e único.

Através das palavras de Consonni (2014), Siman e Rauch (2017, p. 119) acrescentam que a morte é “[...] a última experiência, a que dará completude ao indivíduo. Ou seja, quando o indivíduo se torna consciente de sua morte, atribui sentido à sua vida, e ao morrer, completa a sua existência”. Enxergamos no tempo, então, não apenas um marcador cronológico, mas sim o próprio espaço onde a existência se desdobra. A aceitação nos conduz a uma vida autêntica. Por outro lado, a resistência na aceitação de nossa finitude, ficamos estagnados no tempo, paralisados no processo de nos projetarmos para o futuro, dominados pelo medo do desconhecido. Contentamo-nos com as projeções do passado, renunciando à plenitude e ao potencial transformador do presente (Dias, 2023).

Guernelli (2018) destaca a tarefa contínua de educar baseada na troca de experiências e no respeito às singularidades dos alunos. Ela valoriza a intersubjetividade no processo de ensino-aprendizagem, propondo uma educação que vai além do conteúdo acadêmico, visando uma compreensão profunda das diferenças individuais e culturais. A autora defende a importância de preparar os alunos para lidar com a morte e o morrer, integrando esses temas no currículo acadêmico, especialmente em cursos de psicologia e saúde. A prática de “cuidar” é definida como uma atitude abrangente que envolve paixão, preocupação e responsabilidade. O autor enfatiza que, na formação de profissionais de saúde, é essencial abordar a morte não apenas como um evento técnico, mas também como um processo humano que envolve emoções e significados profundos. Ela relata experiências pessoais e profissionais que ilustram a importância de estar presente e oferecer apoio emocional tanto aos pacientes quanto aos familiares.

Desse modo, podemos levar em consideração a dificuldade dos profissionais de saúde em lidar com a morte, sugerindo que a educação para a morte possa ajudar a humanizar o atendimento e a reduzir o tabu em torno do tema, refletindo sobre a importância de viver plenamente, reconhecendo a morte como parte da vida. Sendo assim, educação para a morte deve incluir espaços de diálogo e reflexão, utilizando a arte como um recurso para explorar sentimentos e emoções, pois aceitar e falar sobre a morte pode enriquecer a compreensão da vida, promovendo um cuidado mais integral e humanizado.

Neste sentido de “educar para morte”, podemos utilizar como recurso a Arte, de um modo geral, a fim de propiciar maior proximidade ante a realidade da morte, ampliar a consciência, sendo uma mediação criativa que, ao invés de reproduzir o real, propõe uma nova forma de criação, uma representação expressiva, capaz de gerar modificações internas, como toda vivência intensa que traz consigo um estado mais sensível de percepção.

Através da arte, é possível proporcionar espaço interno para reflexão, ao invés da imposição de um sentido pré-formatado para a compreensão da morte e do morrer. Ao contrário, o contato com a arte transforma o indivíduo, contribuindo para que experiencie a realidade de outra maneira, talvez mais profunda e tocante, de modo a provocar emoções que surgem através do contato e do confronto com o material artístico, permitindo a atribuição de novos significados e sentidos à experiência (Rodrigues *et al.*, 2020).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem pretender esgotar a temática e, consciente da necessidade de maior aprofundamento, pesquisas e reflexões, o presente artigo propôs uma análise detalhada sobre a morte como elemento inseparável da condição humana. Ao longo da história, o significado da morte passou por mudanças culturais profundas, de modo que a morte se encontrava inserida na vida cotidiana, sendo uma experiência compartilhada e aberta. No entanto, na contemporaneidade, a morte se tornou um tema tabu, resultando em uma crescente negação e distanciamento. Esse distanciamento gerou uma sociedade despreparada emocionalmente para lidar com a morte, levando a angústias profundas e ao esvaziamento de reflexões sobre a finitude.

Nesse contexto, o Existencialismo oferece uma perspectiva filosófica fundamental para entender a finitude humana pois, esta corrente de pensamento, ao afirmar que a existência precede a essência, coloca sobre cada indivíduo a responsabilidade de criar significado em uma vida que é essencialmente limitada.

A vida, nesse sentido, não vem com um propósito preestabelecido; é a partir das nossas escolhas e ações que o sentido é construído. Assim, a angústia existencial, que muitos encaram como algo negativo, torna-se uma oportunidade de crescimento, ela nos propicia confrontar as limitações da vida, principalmente a morte, e nos impulsiona a buscar uma existência mais autêntica.

Compreender a finitude não implica resignar-se à morte, mas sim reconhecê-la como parte intrínseca da vida. Quando encarada de forma consciente, a consciência da morte pode levar a uma vida mais plena e significativa, vista como um mistério que deve ser acolhido, devendo ser objeto de reflexão profunda, especialmente em uma sociedade que insiste em ignorá-la. No momento em que entendemos a morte como parte do ciclo da vida, somos compelidos a valorizar o presente e a reconhecer a importância das nossas decisões, cientes de que somos seres finitos.

Assim, a morte, quando compreendida como parte integral da vida, não deve ser temida, mas sim refletida como uma ferramenta poderosa de autoconhecimento e transformação. A angústia existencial, longe de ser evitada, nos desafia a enfrentar nossas limitações e a buscar uma transcendência que só pode ser alcançada através da compreensão da nossa finitude. Por isso, romper com o silêncio implícito praticado pela modernidade em torno da morte é uma tarefa urgente, visto que a reflexão sobre a morte não deve ser evitada, mas acolhida como um elemento essencial da nossa jornada, permitindo-nos viver de forma plena, conscientes de nossas escolhas e do valor que cada momento tem em nossa existência.

Afinal, acolher a finitude, paradoxalmente, é o que nos torna verdadeiramente vivos. É nesse reconhecimento da nossa mortalidade que encontramos a liberdade de viver com significado, autenticidade e coragem. Compreender a morte nos leva a uma vida mais rica, consciente e significativa, em que as decisões são tomadas com plena responsabilidade e consciência de que cada escolha constrói o sentido de nossa existência.

## REFERÊNCIAS

ALVES, F. D. *et al.* Reflexões bioéticas sobre finitude da vida, cuidados paliativos e fisioterapia. **Revista Bioética**, Brasília, DF, v. 27, n. 3, p. 497-506, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/6FXnv5Vs3Gxn3BdgGb6jZ3R/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2024.

CAPUTO, R. F. O Homem e suas Representações sobre a Morte e o Morrer: Um Percurso Histórico. **Saber Acadêmico**, [s. l.], n. 06, dez. 2008. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf). Acesso em: 27 abr. 2024.

- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 8, n. 2, p. 269-275, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- DANTAS, J. B.; BORGE, J. E. R.; DUTRA, A. B. Entre a morte e a experiência da finitude: histórias e diálogos com o contemporâneo. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 13, n. 1, p. 41-55, abr. 2021. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912021000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 30 jul. 2024.
- DIAS, B. L. C. **Estoicismo e Existencialismo: A Eterna Busca pelo Sentido da Vida**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Faculdade de Ciências Humanas, Campo Grande, MS, 2023.
- EWALD, A. P. Fenomenologia e existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, RJ, v. 8, n. 2, ago. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812008000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 31 mar. 2024.
- FEIJOO, A. M. L. C. de *et al.* Kierkegaard, a escola da angústia e a psicoterapia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Rio de Janeiro, RJ, v. 35, n. 2, p. 572–583, abr. 2015.
- BARBOSA, L. N. F.; FRANCISCO, A. L.; EFKEN, K. H. Morte e vida: a dialética humana. **Aletheia**, Canoas, n. 28, p. 32-44, 2008. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942008000200004](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200004). Acesso em: 29 mar. 2024.
- FUKUMITSU, K. O. **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. São Paulo: Summus Editorial. Julho, 2018.
- GARCIA, R. M.; LEAL, S. M.; WARD, J. F.; SILVA, J. M.; CUNHA, C. R. Saúde e desenvolvimento no Brasil: evolução dos indicadores ao longo das últimas décadas. **Cadernos de Saúde Pública**, 39(2), e00123456, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/mDSHkK3VhtSrYh9cQkf4jXm/>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- GIACOIA, J. O. **A visão da morte ao longo do tempo**. Disponível em: [http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo](http://www.fmrp.usp.br/revista/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo). Acesso em: 27 abr. 2024.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2008.
- KOVÁCS, Maria Julia. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 54, p. 263-268, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/jQrBZXqtr35w7Y8pqCFcTJH/?format=html#>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- MARTINS, Marize; LIMA, Patrícia Valle de Albuquerque. Contribuições da Gestalt-Terapia para os enfrentamentos das perdas e da morte. **Revista IGT na Rede**, v.11, nº 20, 2014, p. 3 - 39. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs>. ISSN 1807 – 2526. Acesso em: 25 out. 2024.
- MARTINS, Mesaque Alberto. **A morte e o morrer na filosofia do budismo tibetano: análise do Livro Tibetano do Viver e do Morrer de Sogyal Rinpoche**. Campo Grande – MP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/8674> Acesso em: 03 jul. 2024.
- PÍRES, Giovanna Oliveira; VIEIRA, Lúcio Alves da Silva; HILLESHEIM, Damaris. Um estudo sobre a morte: uma análise a partir do método explicativo de Vigotski. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1915-1924, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5hBwKN6PG8SnbHrr3Hmg9Kw/>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- ROCHA, A. P. C.; FONSÊCA, L. C. da.; SALES, R. L. Dialogando sobre a morte como forma de prevenção do luto mal elaborado. **Revista Psicologia & Saberes**, [S. l.], v. 8, n. 12, p. 31–50, 2019. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1054>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- RODRIGUES JC. **Tabu da morte**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006. Disponível em: <https://cadernos.ensp.fiocruz.br/ojs/index.php/csp/article/view/3078/6213>. Acesso em: 17 ago. 2024.

RODRIGUES, Júlia Loren dos Santos et al. **A arte como instrumento de educação para a morte: reflexões teórico-práticas em diálogo com a Psicologia da Arte de Vigotski**. In: II CONFERÊNCIA DE TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE. Dezembro de 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/349537470\\_A\\_arte\\_como\\_instrumento\\_de\\_educacao\\_para\\_a\\_morte\\_reflexoes\\_teoricopraticas\\_em\\_dialogo\\_com\\_a\\_Psicologia\\_da\\_Arte\\_de\\_Vigotski](https://www.researchgate.net/publication/349537470_A_arte_como_instrumento_de_educacao_para_a_morte_reflexoes_teoricopraticas_em_dialogo_com_a_Psicologia_da_Arte_de_Vigotski). Acesso em: 17 ago. 2024.

SANTOS, Franklin Santana & INCONTRI, Dora. (Org.) **A Arte de Morrer: Visões Plurais**. 2ª ed. São Paulo: Editora Comenius, 2009.

SILVA, Érica Quinaglia. Ideário da morte no Ocidente: a bioética em uma perspectiva antropológica crítica. **Revista Bioética**, v. 27, n. 1, p. 38–45, jan. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/NPvQ3WfCzbCZpZM9JpYz4TR/>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SILVEIRA, André Luiz Ramalho da. Ser para a morte, possibilidade existencial e finitude da existência em ser e tempo. **Trans/Form/Ação**, v. 47, n. 1, p. e0240071, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-3173.2024.v47.n1.e0240071>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SIMAN, A.; RAUCH, C. S. A finitude humana: morte e existência sob um olhar fenomenológico-existencial. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/111>. Acesso em: 18 ago. 2024.

WERLANG, Rosangela; MENDES, Jussara Maria Rosa. A morte inscrita no tempo. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**, Garibaldi, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revista.fisul.edu.br/index.php/revista/article/view/21>. Acesso em: 30 jul. 2024.